

Razões para hibridação

Parte 1- Venturas e desventuras

Álvaro Pessôa

Qualquer que seja o objetivo do hibridador, em matéria tão complexa como a obtenção de flores de orquídeas, ele estará sempre diante de um dilema. Ou cria o futuro em termos de presente e nesse caso trai o futuro, ou cria o futuro em termos de passado e nesse caso trai o passado.

Quando começamos a hibridar orquídeas, tínhamos um projeto claro em andamento. Precisávamos de plantas de porte pequeno e multifloras, com pouca vegetação e capazes de decorar mesas de restaurantes. Isto sem impedir que as pessoas conversando à mesa, fossem impedidas de cruzar olhares pela floração. Mais do que tudo: queríamos plantas para todas as estações. Não era um projeto fácil!

Foi só em 1990 que começamos seriamente a pensar e estudar o assunto. Em qualquer estudo de hibridação de orquídeas, curto prazo são cinco anos e médio prazo, dez. Algumas soluções se impunham pela facilidade e pelo óbvio. Como *Cattleya loddigesii* floresce em ju-

lho e *C. harrisoniana* floresce em fevereiro, cruzamos as duas espécies e cria-

mos o híbrido primário *C. Brazilian Midway*, recentemente registrado em Londres (ver foto na pag. 51), para obter flores em cacho, em plantas pequenas e de floração em épocas diversas dos pais. Botânicos meus amigos

ficaram escandalizados com a cruz. Francisco Miranda, a considerou uma “herética agressão ao meio ambiente”.

Outra alternativa surgiu no campo dos híbridos primários. A busca de uma solução típica para restaurantes. Plantas de tonalidade vinho, ou vinicolor.



Potinara Brazilian Toy



Lc. Angela, cruzamento refeito e cultivado por Álvaro Pessôa, que, também, fotografou.



Repetimos a velha *Lc. Ângela* (*C. labiata autumnalis* x *C. intermedia*, ver na página 49).

Contando com a generosidade de Luiz Carlos Petersen, obtivemos corte de *C. labiata* vinicolor ‘Ermel’. De Amândio Pinho Caetano ganhamos um corte de *C. intermedia* vinicolor aquinii ‘Karina’. Da cruz se obteve a *Lc. Ângela* na cor desejada.



Lc. Waikiki Gold

Foram todos criados na paleta de cores do “alemão” genial.

Acontece que as plantas criadas pela



Blc. Haw Yuan Moon



Sl. Cristina Miranda x Lc. OrquidaRio

Mais difícil foi trabalhar com híbridos da aliança de *Cattleya* (*Laelias*, *Cattleyas*, *Brassavolas* e *Sophronitis*). Porque quase tudo de excepcional que havia no Brasil em 1980, em matéria de híbridos (bem entendido) de *Cattleya*, havia sido criado por Rolf Altenburg. É incrível que, passados tantos anos de seu falecimento, mesmo em 2003, seus híbridos ainda sejam impecáveis: João Antonio Nicoli, José Dias Castro, Kunta Kintê, Raimundo Mesquita, Sônia Altenburg, Capitão Pessôa, Cecília Pessôa, ainda têm muito o que nos extasiar e servir de esteio para florir mais adiante.

casas Florália, eram quase todas grandes e de floração incompatível com mesas de restaurante. O desafio que se impunha era obter plantas com forma de rupícolas (espécies) com hastes longas e resistentes, e potencial genético capaz de reduzir o gigantismo das plantas existentes.

Cruzas com *Laelias* muito pequenas, como *L. liliputiana*, *L. reginae*, etc.... se revelaram inúteis. São verdadeiras usinas geradoras de redução.



Cattleya Brazilian Midway

Geraram plantas mínimas, quando cruzadas com verdadeiros gigantes da família *Cattleya*.

Foi nesse momento, por volta de 1990, que muitos passaram a prestar atenção nos híbridos *Lc. Waikiki Gold* (*Blc. Pink Surprise* x *Cattleya forbesii*) e *Blc. Haw Yuan Moon* (página 50). Penso que quase todos os hibridadores brasileiros se preocuparam em cruzá-la. Incluo-me entre esses. Os produtos são belíssimos e a redução ocasionada ficou compatível com o procurado. Veja-se o híbrido *Potinara Brazilian Toy* (*Blc. Haw Yuan Moon* x *Slc. Orient Amber* “Flórida”, ver página 49).

Acontece que muitos, mas não necessariamente todos, gostam de amarelo. E a progênie de plantas amarelas, prevalece até sobre o vermelho do *Sophronitis*. Era preciso obter outro esteio para conseguir plantinhas de flor

vermelha.

Francisco Miranda havia criado *Sl. Cristina Miranda* (*L. angereri* x *Sophronitis coccinea*) e a planta saiu pequena, multiflora, com haste de rupícola e lindo vermelho intenso. Esperançoso, passei a utilizá-lo. Foi um desastre! No híbrido primário *Sl. Cristina Miranda*, a *L. angereri* domou a *Sophronitis*. Todavia, já na segunda geração, a *Sophronitis* voltou com toda a força e “aleijou” a haste da planta. *Sl. Cristina Miranda*, cruzada com *Lc. OrquidaRio* (criação de Alexis Sauer) deu o desastre mostrado na página 50.

Álvaro Pessôa, Advogado e Orquidófilo, é sócio fundador da OrquidaRIO.
valefeliz@uol.com.br